

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
Introdução à edição revisada inglesa.....	13
1 Vias para evangelização	27
2 Os obstáculos à evangelização	46
3 O evangelho	70
4 A evangelização dos judeus.....	107
5 A evangelização dos gentios.....	148
6 A conversão	189
7 Os evangelistas.....	217
8 A motivação evangelística.....	249
9 Os métodos evangelísticos	271
10 A estratégia evangelística.....	319
Epílogo	339
<i>Índice remissivo</i>	347

PREFÁCIO

Dois pensamentos me levaram a escrever este livro. O primeiro foi que o assunto todo da evangelização na igreja primitiva foi inexplicavelmente deixado de lado nos últimos anos. Em inglês não foi escrito nada substancial precisamente sobre este assunto desde que o grande livro de Harnack, *The mission and expansion of Christianity* [A missão e a expansão do cristianismo], foi traduzido em 1905. Harnack era um escritor brilhante e um estudioso de conhecimentos enciclopédicos, porém viveu há muito tempo. Nossa concepção da natureza do evangelho mudou consideravelmente desde o apogeu do Protestantismo Liberal que ele representava. Homens como C. H. Dodd e Roland Allen fizeram contribuições significativas a diversos aspectos do assunto, mas parecia haver espaço para um livro que buscasse reavaliar alguns dos aspectos principais da evangelização na Antiguidade à luz de estudos recentes, bem como fazer pesquisas novas e tirar novas conclusões de todo esse problema.

O segundo pensamento foi mais pessoal. A maior parte dos evangelistas não se interessa muito por teologia; e a maioria dos teólogos não se interessa muito por evangelização. Sou profundamente comprometido com ambos, razão pela qual considere bastante apropriado estudar esse assunto.

Abstive-me propositalmente de definir com mais precisão a abrangência deste estudo. Ele se concentra no período do Novo Testamento, por um lado, em virtude de sua importância normativa para toda a evangelização subsequente e, por outro, em virtude de ser a área em que sou menos ignorante. Mesmo assim, senti ser um erro limitar o assunto ao fim do período neotestamentário. Por isso, estendi-o até meados do terceiro século, incluindo em termos gerais os duzentos anos que vão do apóstolo Paulo a Orígenes. O livro não tenta examinar de maneira exaustiva ou mesmo cronológica as evidências dos segundo e terceiro séculos; o estudo é por assunto e necessariamente seletivo. Todavia, citei uma boa quantidade de fontes primitivas, para que as pessoas da igreja primitiva pudessem falar por si mesmas sobre o evangelho e como ele se difundiu.

Também não tentei fazer um relatório abrangente da missão da igreja em sentido amplo. Isso já foi feito muitas vezes e com sucesso. Tentei me ater à evangelização no sentido estrito de proclamar as boas-novas da salvação a homens e mulheres,

visando sua conversão a Cristo e incorporação em sua Igreja. Consequentemente, pouco é dito sobre pré-evangelização e a infiltração dos ideais cristãos e de sua influência na sociedade pagã, ou sobre as implicações sociais e políticas do evangelho ou ainda sobre a instrução dos primeiros cristãos conforme levavam adiante seu trabalho evangelístico e consolidavam o terreno conquistado.

No entanto, estou convicto de quanto é importante em nossos dias estudar a evangelização, mesmo neste sentido restrito. Se isso puder nos ajudar a alcançar uma nova compreensão do evangelho que esses primeiros cristãos pregavam, dos métodos que usavam, das características espirituais que apresentavam, se puder nos ajudar a perceber até que ponto estavam preparados para refletir sobre sua mensagem à luz das formas de pensamento de sua época, a fim de proclamá-la com todas as forças, vivê-la e morrer por ela, então, talvez este estudo possa ser útil no sentido de despertar a igreja do nosso tempo para sua tarefa principal.

Quero aproveitar a oportunidade para expressar minha gratidão profunda ao Conselho do London College of Divinity, por conceder-me um período sabático no verão de 1968, e à Associação Tyndale de Pesquisa Bíblica, por permitir-me, durante esse período, residir sem ônus em Cambridge, na Biblioteca da Casa Tyndale, cujo bibliotecário, sr. Alan Millard, estava sempre disposto a pôr seu trabalho de lado para ajudar outros. Sou muito grato ao dr. J. M. C. Toynbee e ao professor H. E. W. Tuner por sua ajuda em diversos aspectos do livro. Devo mais do que consigo expressar ao dr. Dacre Balsdon, do Seminário Exeter, de Oxford, e ao dr. Henry Chadwick, então no Seminário Queen, de Cambridge, que transmitiram a este seu aluno, respectivamente, o amor pelos clássicos e pela teologia. Agradeço de maneira especial ao último e ao professor Maurice Wiles, de Londres, por lerem o manuscrito, dando muitas e valiosas sugestões e fazendo correções. Quero agradecer a dois colegas, o sr. Stephen Travis e o sr. Franklyn Dulley, por sua ajuda na preparação do índice, assistidos nessa tarefa tediosa pelo dr. Timothy Mimpriss e o sr. Grahame Humphries. Minha secretária, Judith Berrill, com sua eficiência, e minha esposa e meus filhos, com seus prolongados sofrimentos, deram-me muito apoio durante o período especialmente tumultuado de preparação para a mudança do Seminário para Nottingham, em 1970. Sou grato aos estudantes de muitas universidades deste e de outros países por me levarem, ao longo do desafio de liderar missões universitárias, a voltar aos primeiros princípios e a estudar novamente a contribuição que a evangelização na igreja primitiva tem a dar para a tarefa de fazer Cristo conhecido em nossos dias.

E. M. B. GREEN
The London College of Divinity,
setembro de 1969

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO REVISADA INGLESA

Muita coisa aconteceu depois que este livro foi publicado pela primeira vez há trinta anos. A igreja no Ocidente encolheu bastante, fato que foi contrabalançado por uma expansão meteórica da igreja na América Latina, na África e no Sudeste Asiático, juntamente com um avanço semelhante no Leste Europeu e principalmente na China. Na esfera acadêmica, houve avanços nos estudos do Novo Testamento e da patrística, embora estes tenham perdido importância na atmosfera de secularismo que predomina nas universidades ocidentais. Houve mudanças consideráveis no estilo de vida, em especial na questão da atitude das pessoas em relação a posses materiais. Além disso, houve uma piora acentuada na moral pública, e hoje testemunhamos a ausência de grandes causas pelas quais as pessoas estejam dispostas a se sacrificar.

Uma mudança de clima

Talvez a diferença mais substancial na esfera cultural seja a gradual transição do existencialismo (tão influente nos primeiros vinte anos após a Segunda Guerra Mundial) para o atual pós-modernismo e o desconstrucionismo. O mundo “moderno” que prevaleceu desde o Iluminismo — com seus princípios cardinais da dúvida radical, sua ampla rejeição do elemento sobrenatural, sua exaltação do racionalismo, seu empirismo e sua certeza de que a natureza humana é essencialmente boa — está saindo de cena. Aqui não é o lugar para analisarmos as razões disso: os fatos não deixam margem para dúvidas. O desencanto com esse padrão de percepção do nosso mundo levou a uma visão pós-moderna que enfatiza bem menos a onicompetência da razão e abre espaço para percepções pessoais e para a possibilidade do sobrenatural e do oculto. Essa visão abarca a medicina alternativa, reforça a celebração da vida, tem uma profunda preocupação com o meio ambiente e está convencida de que precisamos “desconstruir” todas as noções de objetividade na história, na ciência e na filosofia, e cultivar uma postura de receptividade radical a *insights* e impressões, não importa de onde venham. As estruturas

saíram de moda; as percepções são as estrelas do momento e devem ser respeitadas. O relativismo moral e o pluralismo de crenças fazem parte dessa cosmovisão mais recente, difícil de classificar com exatidão, mas que se infiltrou com muita rapidez por toda a sociedade.

Uma década de evangelização

Diante desse cenário, praticamente todas as principais igrejas no mundo decidiram marcar a década de 1990 com uma evangelização intensiva.

Essa evangelização foi bem mais célere nos países em desenvolvimento, se comparada com a dos países desenvolvidos, mas até mesmo nestes últimos as mudanças foram consideráveis. Nas igrejas de denominações históricas da Europa e dos Estados Unidos a evangelização tem sido valorizada de novo. Dificilmente ela fica fora da pauta de qualquer reunião eclesial, qualquer que seja o nível hierárquico dos participantes. Trata-se de uma grande mudança nos últimos 25 anos, a qual é muito bem-vinda, pois a igreja é uma sociedade que somente vive quando morre e somente cresce quando se doa de coração. Nas palavras do arcebispo William Temple, ela é a única sociedade neste mundo que existe para beneficiar aqueles que não são seus membros. Precisamos reconhecer, no entanto, que, no Ocidente, a Década da Evangelização não alcançou todo o sucesso esperado. A frequência geral às igrejas efetivamente caiu, e apenas as pentecostais e algumas denominações novas registraram aumentos substanciais. Apesar disso, durante esses dez anos começou a despontar uma nova postura de confiança no evangelho e na possibilidade de evangelização. O trabalho feito pela Springboard, uma iniciativa dos arcebispos da Cantuária e de York, revelou-se cada vez mais influente como modelo de boas práticas para treinamento de clérigos e leigos visando à evangelização na igreja anglicana e fora dela. Mas sem dúvida foi o curso Alpha a mais importante e eficaz abordagem evangelística que surgiu durante a Década da Evangelização e que tem tido um crescimento exponencial agora que esse período chegou ao fim. Hoje ele está presente em mais de 150 países. Há muitas razões para seu êxito. O curso se adequa ao espírito pós-moderno de diversas maneiras. Sua ênfase no processo de descoberta de Deus é bastante adequada para uma geração que pouco conhece sobre ele e precisa de informação e espaço antes de encarar o desafio de um compromisso. Em uma era que valoriza muito os relacionamentos, o trabalho em grupo no Alpha, as risadas e as refeições que seus membros desfrutam juntos são um grande atrativo. Em uma era devotada às descobertas pessoais, os retiros de fim de semana concentrados no tema do Espírito Santo

dão condições para que as pessoas experimentem a realidade de Deus e não meramente falem a respeito dele. Vários outros cursos de evangelização têm se inspirado no modelo do Alpha, mas nenhum outro tem um impacto tão abrangente nem a mesma eficácia.

Iluminação vinda dos primeiros cristãos

Não é preciso dizer que muito se fala sobre evangelização, mas pouco se faz efetivamente. Contudo, tenho visto até em pequenas igrejas bem tradicionais um novo desejo de evangelizar, o qual se contrasta com uma pequena compreensão de como isso pode ser feito. Por isso, creio que seria recomendável voltarmos às origens e analisarmos como os primeiros cristãos foram bem-sucedidos em causar esse impacto. É claro que não podemos passar diretamente do texto para a ação. O mundo em que eles viviam era bem diferente do nosso, apesar de semelhanças, como a existência de uma língua que era falada praticamente em qualquer lugar, uma forma de governo soberano, a facilidade nas viagens e na comunicação, e um difundido desencanto com os velhos deuses e com a cosmovisão até então predominante. As diferenças são bem concretas, mas não há como não nos beneficiarmos com a oportunidade de refletir sobre como a fé daquele pequeno grupo de homens e mulheres, que vivia em uma província periférica do vasto Império Romano, acabou se transformando em uma fé mundial no intervalo de poucas gerações. Eles devem ter alguma coisa importante a nos ensinar sobre evangelização, ainda que precisemos transpor sua música para outro tom, a fim de agradar aos ouvidos de hoje.

Sinto-me grato porque este livro não somente continua a ser reimpresso depois de mais de um quarto de século de sua primeira publicação, mas também porque é usado em seminários e faculdades de várias partes do mundo como ferramenta pedagógica para alunos que se preparam para levar as boas-novas de Cristo à nossa sociedade. Conheci centenas de ministros que veem utilidade neste livro, fato que me enche de humildade e gratidão. Atribuo seu uso generalizado não tanto a qualquer de suas eventuais qualidades, mas à ausência de outros recursos que tratem do tópico da evangelização no mundo antigo! Ainda assim, isso me incentiva a concordar com o pedido da editora para lançar outra edição na esperança de que possa incentivar ainda mais pessoas a imitarem o compromisso evangelístico dos primeiros cristãos. Ao fazê-lo, porém, gostaria de chamar a atenção para alguns princípios que afloram nas páginas a seguir e são de altíssima relevância para qualquer leitor que deseje levar adiante a causa da evangelização em nossa geração.

Confiança na verdade

Em primeiro lugar está a confiança que os primeiros cristãos depositavam na veracidade da mensagem que proclamavam. Aqueles primeiros discípulos eram todos judeus, monoteístas fervorosos. Eram o povo que mais teria dificuldade neste mundo para ser convencido de que Deus havia descido à terra na pessoa de Jesus, com o objetivo de compartilhar sua vida com a humanidade. Os discípulos o conheciam bem; juntos eles haviam viajado, trabalhado e compartilhado refeições. Deve ter sido motivo de escândalo para eles cogitar a possibilidade de ele ser o que seu nome indicava: *Jehoshua*, “Deus que resgata”. Contudo, uma vez convencidos, eles não titubearam. Expressaram sua fé de modos levemente diferentes: fica evidente que, mesmo na missão judaica, existem indícios de três abordagens bastante independentes dentro do próprio Novo Testamento, como se pode perceber em Tiago, Mateus e Hebreus. Mas a historicidade de Jesus, a coerência entre o Jesus da história e o Cristo da fé, a realidade da expiação, a certeza da ressurreição física — todos esses elementos constituíram o alicerce sobre o qual eles edificaram a evangelização.

Naqueles lugares do mundo moderno em que a evangelização tem presença forte, é possível notar uma ênfase igualmente robusta nas verdades históricas da encarnação, da expiação e da ressurreição. É claro que existe espaço para muitas discussões teológicas em torno das doutrinas cristãs, mas qualquer apresentação do evangelho que deixe de fazer justiça a esses três eventos centrais tem pouca chance de prosperar. Desde a época do Iluminismo surgiram movimentos teológicos que reduziam Jesus a um rabino espiritualoso, a uma celebridade, a um peregrino carismático. São movimentos destituídos de poder de convencimento. Eles não conduzem as pessoas à novidade de vida experimentada pelos apóstolos, que hoje é bastante perceptível nos países em desenvolvimento.

Nos últimos dois séculos houve tentativas determinadas de fazer a separação entre o Jesus da história e o Cristo da fé, até mesmo defendendo a ideia de que o cristianismo surgiu em decorrência de uma luta de classes em meados do segundo século. Essa era a ideia oficial disseminada pelo comunismo, que em seus dias de glória enganou quase um terço de todo o mundo. Mas a credibilidade do registro do Novo Testamento vem sendo constantemente confirmada, e os que propõem essas teorias têm sido desmentidos.

Por ironia, na mesma época em que Rudolf Bultmann defendia a ideia de que a autoria do Evangelho de João devia ser datada no final do segundo século, descobriu-se no Egito um fragmento do mesmo Evangelho (P52) seguramente datado do primeiro quarto do segundo século, fragmento que durante anos passou

despercebido na Biblioteca John Rylands, em Manchester. Uma vez identificado, é claro, ele desmontou totalmente o argumento de Bultmann, que defendia uma datação mais para o final do segundo século, e convenceu até mesmo ele de que esse Evangelho deve ter sido escrito no primeiro século.

Nos últimos anos foram publicados vários fragmentos de manuscritos gregos da Caverna 7 de Qumran. Eles são extremamente interessantes. Embora se trate de fragmentos, parecem ser de livros do Novo Testamento — Atos, 2Timóteo, Romanos, Tiago e 2Pedro. Mas o maior deles é o de Marcos 6.52ss. A caverna foi fechada em 68 d.C., antes da aproximação do exército romano. Esse fato nos indica uma data bastante remota para os textos do Novo Testamento, em especial o de Marcos. Temos, assim, um testemunho de historicidade muito forte.

Na década de 1990, os acadêmicos estiveram muito interessados em outro manuscrito grego, o P64. Esse manuscrito contém pequenos fragmentos de Mateus, alguns dos quais estão em Barcelona e outros no Magdalene College, em Oxford. Embora seja muito cedo para arriscar uma data com segurança, uma vez que esses fragmentos demandam outras pesquisas ainda não realizadas, alguns papirologistas renomados, com base em evidências de caligrafia comparativa, têm atribuído a eles uma data em meados do primeiro século, e não por volta de 200 d.C. ou mesmo mais tarde, como antes se havia cogitado. Essa datação, se confirmada, terá profundas repercussões para as origens do Evangelho. Ela abrirá a possibilidade de o fragmento pertencer a um relato de eventos do Evangelho feito por uma testemunha ocular.

Evidentemente, há achados arqueológicos que têm relevância direta para a credibilidade dos relatos do Novo Testamento. Uma inscrição encontrada em Delfos não somente confirma que Lúcio Júnio Anneo Gálio foi procônsul da Acaia (muitos duvidavam de que Lucas fosse confiável nesse ponto), mas também nos indica a data exata disso, 51-52 d.C., o que faz dessa inscrição uma peça fundamental para a cronologia do Novo Testamento. O Tanque de Betesda com seus cinco pórticos foi desenterrado por arqueólogos, apesar de muitos terem considerado a referência que João faz a ele como tardia e mitológica. Em Pompeia, a descoberta do quadrado Sator, com o criptograma da Oração do Pai-Nosso, revela que o cristianismo chegou ali antes de 79 d.C., data em que a cidade foi destruída pela erupção do Vesúvio. Os ossuários de Talpiot, descobertos pelo professor Sukenik em uma tumba lacrada na parte externa de Jerusalém, datada de 50 d.C., deixam claro que, vinte anos depois da ressurreição, Jesus era adorado e invocado como Salvador em Jerusalém. Em 2002, um ossuário impressionante apareceu em Nova York envolto em uma história obscura. De qualquer forma, trata-se de uma urna de ossos de meados do primeiro século que apresenta a inscrição

“Tiago, filho de José, irmão de Jesus”!¹ Em suma, temos uma ampla base para dar crédito à confiabilidade do querigma do Novo Testamento e para crer em sua verdade tanto quanto os primeiros cristãos criam.

Motivação

Uma das impressões mais notáveis que os escritos do primeiro e segundo séculos deixaram sobre mim ao escrever este livro diz respeito ao imenso entusiasmo dos primeiros cristãos. Eles estavam profundamente convencidos da verdade do evangelho. Estavam convencidos de que, sem ele, homens e mulheres estavam perdidos. O evangelho era a chave para a vida eterna, sem a qual todos haveriam de perecer. Eles compartilhavam do mesmo amor que o próprio Deus derramava sobre um mundo necessitado. Atenderam à Grande Comissão de Cristo. Procuraram permear a sociedade com o evangelho que havia tido um efeito tão profundo neles. Para os primeiros cristãos, o cristianismo não era algo praticado durante determinado horário aos domingos. Ele tocava tudo o que eles faziam e a todos que encontravam.

Até onde podemos saber, a vida nas igrejas dos primeiros cristãos era em geral acolhedora e nutria a todos, preparando-os para sair levando as boas-novas. Crentes comuns, missionários, estudiosos, homens e mulheres, todos pareciam ter o mesmo compromisso fervoroso com a causa. Tanto é que Glenn Hinson em seu livro *The evangelisation of the Roman Empire* [A evangelização do Império Romano] refere-se a eles como pessoas que estavam cumprindo uma missão praticamente militar. Embora os cristãos se recusassem a entrar para o exército, as analogias com a vida militar empregadas por escritores cristãos desde Paulo até Tertuliano indicam coerência, o reconhecimento de uma batalha espiritual e um compromisso fervoroso (muitas vezes apocalíptico), comparável ao que podia ser visto nos membros da comunidade de Qumran. Os primeiros cristãos eram mais ou menos como os primeiros comunistas: pequenos grupos unidos por uma paixão que os dominava. Ou como os maquis na Segunda Guerra Mundial, grupos secretos formados por homens que não se acovardavam diante de nada, pois queriam que o dia da vitória final chegasse logo.

Por sua vez, as igrejas ocidentais da atualidade revelam pouco desse espírito. Elas preferem olhar para si mesmas como hospitais, não como exércitos. Mas esse sentimento, esse sacrifício e esse compromisso quase militar são uma das

¹Em 2006, após um extenso e rigoroso processo judicial em Israel, peritos de diversas áreas confirmaram a autenticidade da urna, bem como da inscrição, ambas datadas do primeiro século. (N. do E.)

principais características nas igrejas que hoje prosperam na África, na Ásia e na América Latina. Contudo, sem algo parecido com isso no Ocidente, como pessoas poderão ser tocadas em nossa sociedade embotada e saturada? Não podemos acusá-las por pensarem: “Esses aí são crentes, não são? Se eles gostam desse tipo de coisa, ótimo! Mas isso não é para mim”. Enquanto nós, do Ocidente, não vibrarmos com um entusiasmo que tome conta de nós e nos faça querer apaixonadamente alcançar as pessoas com o evangelho, elas provavelmente não vão levar esse assunto a sério.

Apologética

Hoje, a evangelização em geral é feita de modo impetuoso e sem muita reflexão; os intelectuais não costumam participar dessas iniciativas. Perdemos de ambos os lados: os que evangelizam não conhecem teologia, e os teólogos não praticam nenhum tipo de evangelização. Na igreja primitiva, as coisas não eram assim. Este livro mostra como os primeiros evangelistas eram flexíveis e procuravam interagir com a mentalidade tanto de pagãos quanto de judeus, traduzindo o evangelho para uma linguagem apropriada, atraente e envolvente.

Enquanto escrevia este livro, fiquei muitas vezes comovido ao ler que pessoas extremamente pobres, depois de despertadas pelas boas-novas, passaram a dedicar tempo e energia indo de cidade em cidade, de povoado em povoado, para alcançar outras pessoas com o evangelho. Mas também fiquei impressionado ao ver intelectuais do calibre de Paulo e João no primeiro século, e Justino e Orígenes no segundo, para não mencionar Tertuliano e, mais tarde, Agostinho, usarem todo seu conhecimento para tocar a mente e o coração dos que não criam. Eles não adaptaram o evangelho para fazê-lo concordar com a cultura de seus dias. No entanto, despiram as boas-novas das vestes originais do judaísmo e lhes puseram uma roupagem gentílica, sem comprometer o conteúdo da mensagem.

Os cristãos de hoje têm muito para aprender com a criatividade, a fidelidade e a inculturação daqueles primeiros cristãos. Uma das grandes carências da igreja atual é de evangelistas que melhorem seu conhecimento teológico e de pessoas com formação teológica que saiam de suas torres de marfim e evangelizem. Os primeiros cristãos nos indicam essa direção. E, assim como nos dois primeiros séculos, no mundo de hoje as pessoas não se impressionam com mero falatório. Elas precisam conhecer vidas que sejam diferentes. O bispo Lesslie Newbigin, grande intelectual e missionário, observou que a melhor hermenêutica do evangelho na sociedade pós-moderna são igrejas e cristãos que de fato vivam como Cristo viveu. Isso nos conduz ao tema da transformação.

Transformação

Não se pode duvidar de que a vida transformada dos primeiros cristãos foi o fator que causou um impacto tão profundo sobre a Antiguidade clássica. Três elementos em particular destacam-se aqui.

O primeiro elemento foi a transformação pessoal do caráter a partir do momento em que eles acolhiam o Espírito Santo em sua vida. Essa realidade fica nítida entre os primeiros discípulos: um homem como João (apelidado por Jesus de “Boanerges” ou “Filho do Trovão”) tornou-se um apóstolo conhecido pelo amor. Saulo de Tarso foi nitidamente transformado por seu encontro com Jesus na estrada de Damasco, e essa transformação foi cada vez maior nos anos seguintes. A mudança na vida de alguém como Justino Mártir é notável. As mudanças nas qualidades do caráter costumavam acompanhar a aceitação da mensagem do evangelho. Muitas pessoas foram curadas e se converteram: isso lhes trouxe uma mudança de vida palpável. Os que sofriam de opressão demoníaca eram, muitas vezes, libertados: esses fatos ficam muito claros não somente no livro de Atos, mas também nos escritos do segundo século. Os cristãos levavam a homens e mulheres um ministério de libertação, e isso ficava evidente.

O segundo elemento foi a impressão causada pela vida em comunidade dos cristãos. A igreja tinha qualidades sem paralelos no mundo antigo. Em nenhum outro lugar era possível encontrar escravos e senhores, judeus e gentios, ricos e pobres, todos participando da mesma mesa e mostrando um amor verdadeiro uns pelos outros. Esse amor transbordava para os que eram de fora, e em momentos de tragédia e de flagelos os cristãos se destacavam pelo serviço prestado às comunidades nas quais viviam. Nos dias de hoje, é difícil ver alguma diferença entre a vida de cristãos e não cristãos — exceto durante uma hora aos domingos. Nos primeiros dias da igreja, a vida daqueles cristãos tinha uma qualidade visivelmente diferente. Um dos aspectos mais atraentes no que há de melhor no cristianismo moderno é a qualidade de indivíduos e igrejas dos quais fluem o amor, a pureza e a alegria de Jesus. Nossa necessidade de completude, e nisso os psiquiatras não de concordar, pode ser satisfeita e sustentada somente por um amor desinteressado. É assim que Deus ama, e os primeiros cristãos pareciam tão encorajados por esse amor, que ele os mantinha unidos e deles transbordava naturalmente. Com toda certeza, hoje uma das formas mais eficazes de difundir o evangelho é através de igrejas com mentalidade missionária nas quais os atributos de Jesus sejam patentes na vida pessoal e comunitária de seus membros.

O terceiro elemento que deve ter causado enorme impacto foi a capacidade que os cristãos tinham de enfrentar as críticas, o ódio, a perseguição e a morte não

apenas com serenidade, mas também com alegria. Sabemos que isso é fato. Aqueles cristãos podiam ser dizimados, atirados aos leões, mas ninguém conseguia fazê-los negar seu Senhor nem odiar seus perseguidores. Testemunhamos esse tipo de coragem entre cristãos do Leste Europeu que viveram debaixo do comunismo, ou entre cristãos da África que sofreram sob a revolta do grupo Mau-Mau, ou entre os que estiveram debaixo de perseguição muçulmana mais recente no Sudão, na Nigéria e na Indonésia. Uma coragem resoluta que consegue perseverar “como quem vê aquele que é invisível”, confiante na vida após a morte, tem um efeito fora do normal. Ela frustra a violência dos torturadores. Estes podem matar os cristãos, mas não conseguem destruí-los. Essa realidade é eloquente.

Conversão

Como procuro mostrar neste livro, as conversões religiosas eram praticamente desconhecidas no mundo antigo. Era mais provável que uma divindade fosse acrescentada a um panteão já existente ou fosse identificada com um dos deuses reconhecidos. A política religiosa de Roma no início do império era bem tolerante. Mas as autoridades insistiam em uma coisa: todos os súditos deveriam ter uma postura de lealdade a Roma e ao “divino” Augusto. Os cristãos não estavam dispostos a assumir essa postura: eles reconheciam apenas um Senhor divino. Também não estavam dispostos a se curvar diante do politeísmo pluralista da época. Eles reconheciam um só Deus, o Deus e Pai de Jesus Cristo. E conclamavam homens e mulheres para que assumissem um compromisso com esse Deus vivo e verdadeiro. Eles exigiam arrependimento e fé em resposta à proclamação do evangelho. Eram muito ousados a esse respeito, apesar da oposição que enfrentavam. Sua pregação não fazia concessões. Eles esperavam nada menos que submissão total ao Senhor e Salvador Jesus Cristo. Na verdade, eles se empenhavam em ridicularizar os deuses pagãos. Se apenas vivessem o cristianismo e silenciasses sobre outras divindades, pode ser que tivessem tido uma vida comparativamente segura. Contudo, eles insistiam na ideia de que não há outro Deus a não ser o Pai de Jesus Cristo, o qual é um Deus ciumento e não concede a nenhum outro a glória que lhe é devida. Verdadeiramente não havia outros deuses a serem reconhecidos.

Essa atitude ia contra todas as convenções e contra tudo o que era socialmente aceitável. Provocava ferozes perseguições, e em muitos lugares ainda provoca. Às vezes pensamos que o relativismo e o pluralismo são fenômenos de nosso tempo. Sentimos que é politicamente correto adotá-los. Mas as coisas não eram assim com os primeiros cristãos. Eles viviam em um mundo mais relativista e bem mais pluralista do que o nosso. E mesmo assim não faziam concessões nesse campo.

O que era necessário não era mais religião, mas uma nova vida — e só Jesus poderia proporcioná-la.

Parece-me que temos muita coisa para aprender com esse desafio que exigia coragem. Achemos difícil ser amorosos e firmes ao mesmo tempo, fugimos dos confrontos e temos vergonha de declarar que Jesus é o único caminho, pois essa postura seria considerada intolerante, bitolada e grosseira. Mas foi isso que fizeram nossos antepassados. E em muitas partes do mundo é isso que seus descendentes estão fazendo hoje. A taxa mundial de conversões a Cristo está na casa de cem mil por dia, e a grande maioria delas acontece nos países em desenvolvimento. Os cristãos continuam pregando mesmo em face de religiões entrenchadas como o animismo, budismo, hinduísmo e islamismo. Muitos perdem em consequência de sofrimentos que lhes são impostos. Mas insistem em proclamar Jesus Cristo como o único caminho. E fazem isso porque, enquanto as outras crenças representam homens e mulheres em busca de Deus, o evangelho de Cristo retrata Deus em busca do ser humano. Nenhuma outra religião no mundo afirma algo parecido com isso.

Em minha experiência evangelística, tenho percebido que as pessoas não se opõem a uma apresentação [do evangelho] bem embasada, feita com amor, clareza e convicção. Elas entendem o que significa entregar a vida a Jesus Cristo porque sabem que relacionamentos são muito mais importantes do que instituições. E quando entendem que a essência do cristianismo autêntico não é uma instituição, mas, sim, um relacionamento, noto que elas se sentem em condições de responder ao desafio de firmar esse relacionamento. É claro que nem todas respondem de modo positivo, mas todas compreendem que o que estamos lhes pedindo é uma decisão plausível. Tanto na igreja de hoje quanto na igreja antiga, a evangelização tem um aspecto inegável de desafio para uma mudança de rota, para uma “conversão”. Nas palavras de Ramsay MacMullen em *Christianizing the Roman Empire* [A cristianização do Império Romano], “o cristianismo apresentava ideias que demandavam decisão, não tolerância”. Ele teria se expressado melhor ainda se tivesse substituído a palavra “ideias” por “uma pessoa”!

Métodos

Neste livro defendo a ideia de que os primeiros cristãos não tinham estratégias nem táticas particularmente admiráveis. Admiráveis eram a convicção que eles tinham, o entusiasmo e a determinação de portarem-se como embaixadores de Cristo para um mundo rebelde, quaisquer que fossem as consequências. Seria de esperar que eles pregassem, e isso de fato acontecia. Seria de esperar que visitassem pessoas, e

isso também acontecia. Mas me parece que existiam pelo menos cinco abordagens por eles adotadas que podem nos ser proveitosas.

Primeira, a maior parte da evangelização era feita no que chamaríamos de terreno secular. Era possível encontrá-los nos lugares onde as pessoas lavavam roupas, em esquinas e estabelecimentos comerciais falando sobre Jesus a quem quisesse ouvir. Embora não lhes fosse possível realizar grandes eventos, pois essa iniciativa seria proibida pelas leis imperiais, temos a impressão de que tinham preferência por pequenas reuniões ao ar livre. Uma vez reunida uma pequena multidão, eles ali falavam com o máximo de afeto, atenção e lançavam desafios. Essa realidade era muito comum no período de Atos e também no segundo século. É bom lembrar que os primeiros cristãos não tiveram templos durante os dois primeiros séculos, e foi nesse período que eles mais cresceram em número. Assim, por força das circunstâncias, costumavam falar ao ar livre.

Hoje a evangelização ao ar livre está profundamente desacreditada. Mas, por experiência própria, posso dizer que é possível recuperá-la se usarmos de bom senso e de um espírito de alegria. O que ajuda muito é ter uma equipe que trabalha em cooperação. Também ajuda fazer uso de teatro, dança, malabarismo e outras formas de arte que levem as pessoas a assistir e a ouvir. Já vi algumas vezes pessoas assumindo um compromisso espontâneo com Cristo por meio dessas reuniões. No entanto, o que acontece com mais frequência é que esse tipo de ação dá início a um processo que se desenvolve depois por meio do devido ensino, já que este é naturalmente impossível de ser feito ao ar livre. Além disso, se for bem desenvolvida, essa abordagem poderá fascinar um grupo maior de transeuntes e, no mínimo, deixar sobre eles a impressão de que esses crentes conhecem algo que os empolga o suficiente para fazê-los encarar o risco do ridículo. E aí poderá estar o início de uma busca.

A segunda abordagem dos primeiros cristãos parece ter sido conversar com as pessoas. O Evangelho de João faz relatos em que vemos Jesus agindo assim, e essa prática continuou depois dele. Narro neste livro a história do grande teólogo Orígenes e de como ele evangelizou Gregório com extrema competência e sensibilidade. Em *Octavius*, obra de Minúcio Félix, encontramos um amigo evangelizando outro durante uma caminhada no início da manhã. A conversa de um indivíduo com outro era claramente uma das formas mais naturais e eficazes de propagação da fé. Isso permite que o cristão vá adiante no momento em que a outra pessoa se mostrar pronta para receber o evangelho e que faça isso do jeito certo. Sem exageros, sem manipulação, sem discursos pomposos. Pesquisas recentes na Grã-Bretanha indicam com unanimidade que a maioria dos novos convertidos considera que um bom relacionamento com um parente ou amigo é o fator da maior importância na

conversão. Para uma igreja que deseja crescer, há muito que pode ser dito a fim de treinar seus membros para a tarefa de ajudar os outros a chegarem a Cristo.

O terceiro aspecto relativo à abordagem é que é possível perceber claramente que os lares proporcionavam o contexto mais natural para difundir o evangelho. Não há dúvida de que era assim no livro de Atos, e na literatura do segundo século essa realidade continuou a se destacar. Muitas casas habitadas por patrícios romanos eram grandes e tinham vários cômodos, além de um átrio central. Esses lugares eram ideais para cultos, refeições, comunhão e aprendizado, elementos que caracterizavam a adoração cristã primitiva. Nas *insulae* urbanas, uma espécie de pequenos apartamentos nos quais as pessoas moravam bem próximas umas às outras, era fácil propagar o evangelho ao longo de quarteirões, a exemplo do que ocorre hoje nos complexos de apartamentos em Cingapura. Em muitas partes do mundo onde hoje se vê uma grande expansão do cristianismo, as reuniões nos lares são vitais para esse crescimento. E não atraem nenhum tipo de atenção hostil.

Um quarto aspecto da abordagem vem a ser que o desdobramento natural das reuniões nos lares é a fundação de igrejas. Esse método de evangelização provou ser o mais eficiente na igreja antiga. É impressionante a rapidez com que plantaram igrejas ao longo de toda a bacia do Mediterrâneo. Depois disso, não eram necessários mais que dez ou quinze anos para que as igrejas se tornassem independentes. Os cristãos pareciam avançar com rapidez e contar com mestres itinerantes e cartas dos apóstolos fundadores para preparar as novas lideranças. A liderança era sempre plural: no Novo Testamento, a palavra “presbítero” é empregada normalmente no plural quando se refere ao ministério cristão. Eles compunham uma equipe de liderança, apoiavam-se e encorajavam-se mutuamente, sem dúvida compensando as deficiências uns dos outros. Essas equipes de liderança ficam evidentes nas viagens missionárias do Novo Testamento, e Atos 13.1ss. é particularmente interessante nesse aspecto. Nessa passagem encontramos não somente uma liderança plural em Antioquia, composta de cinco membros, mas diversos tipos de líderes: alguns eram “profetas” que exerciam dons carismáticos, ao passo que outros eram “mestres” que se dedicavam ao estudo das Escrituras. Uma igreja equilibrada precisa de ambos. Além disso, a liderança daquela igreja era internacional. Um deles era de Chipre, dois eram da África, um da Palestina e outro de Tarso. A igreja de Deus não é um corpo nacional. Não é nem mesmo uma organização internacional. É um organismo supranacional. E quando seus líderes têm as características vistas em Antioquia, essa igreja tende a crescer de forma dinâmica. Lembro-me de uma igreja em Londres que fundou sete novas igrejas nos últimos anos. Lembro-me também de outra na Guatemala que plantou mais de cem igrejas. Essas novas igrejas quase sempre começam em uma casa, logo estão

lotadas e alugam um galpão para as reuniões. Os prédios próprios vêm só depois, ou nem mesmo são construídos. Eles certamente não são prioridade, situação que permite às igrejas novas uma flexibilidade não desfrutada pelas velhas igrejas com seus prédios famosos.

Por último, em relação à abordagem, é digna de nota a ênfase que os primeiros cristãos davam à obra do Espírito Santo. Atos dos Apóstolos é de fato um nome inadequado; na verdade, o livro relata os atos do Espírito Santo, que estava guiando, capacitando e liderando a comunidade cristã em seus primeiros dias. É dele cada uma das novas iniciativas. O Espírito era valorizado em especial por duas grandes razões. Ele atuava de tal modo na vida dos cristãos individualmente e da igreja como coletividade, que eles cada vez mais se moldavam ao caráter de Jesus. E era o Espírito quem concedia a seus seguidores dons espirituais impressionantes. Profecias, línguas (e interpretação), curas e exorcismos eram os mais proeminentes no período apostólico e logo depois dele. As pessoas não apenas ouviam o evangelho; elas viam o evangelho em ação e eram levadas a responder de alguma forma.

A igreja ocidental passou a depender demais das palavras e não manteve a mesma dependência do poder do Espírito Santo. O Iluminismo provocou boa parte do constrangimento que hoje existe em relação à atividade de Deus no mundo, e essa tendência não deixou de existir com o fim do Iluminismo. Em vez de ser uma comunidade que demonstra o poder de Deus, acabamos nos transformando em uma comunidade que fala incessantemente. Precisamos nos lembrar de que “o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder”. Nas igrejas que novamente passaram a depender do Espírito de Deus, que creem que ele está atuando hoje entre seu povo e lhe pedem em oração não apenas qualidades de caráter, mas poder espiritual, os mesmos dons que vemos no Novo Testamento têm se manifestado. Sem a menor sombra de dúvida, a comunidade cristã que mais cresce no mundo é a pentecostal. É claro que ela tem seus pontos fracos, mas seus membros mantêm a expectativa de ver Deus agindo no meio deles. Eles mantêm a expectativa da cura. Vivem a experiência de ver Deus falando por intermédio deles com uma clareza profética difícil de ser censurada. E eles sabem que, quando enfrentam as forças espirituais que mantêm cativos homens e mulheres, essas forças são expulsas pelo Espírito de Deus, trazendo libertação, ou melhor, aquilo que o Novo Testamento chama de nova criação. Quanto a nós, já faz tempo que pensamos ser correto descartar esses dons, afirmando que são desnecessários ou inalcançáveis nos dias atuais. Contudo, não estamos agindo com sabedoria ao pensar dessa forma, pois os dons espirituais são meios pelos quais Deus prepara sua igreja para a evangelização.

Procurei escrever muito mais sobre a evangelização em nossos dias em outros livros como *Evangelism through the local church* [Evangelização por meio da igreja

local] e *Forgotten dynamite: evangelism in postmodern culture* [A dinamite esquecida: evangelização na cultura pós-moderna] (Kingsway, 2003), obra complementar a esta, concentrada em como podemos abordar a obra evangelística na sociedade ocidental contemporânea. Contudo, para uma nova edição do presente livro, pareceu-me adequado apresentar nesta breve introdução algumas indicações das áreas nas quais sinto que os primeiros cristãos podem ser nossos mentores. Espero que isso seja bem-vindo até em um livro acadêmico como este. Mais do que em todos os outros assuntos, na evangelização o intelecto jamais deve estar separado da prática.

MICHAEL GREEN (1930-2019),
Wycliffe Hall, Oxford University,
setembro de 2002

1

VIAS PARA A EVANGELIZAÇÃO

Um pequeno grupo de onze homens; foram eles a quem Jesus encarregou de executar sua obra e levar o evangelho a todo o mundo (Mt 28.19). Eles não eram pessoas importantes, nem bem instruídas, e também não tinham pessoas influentes lhes apoiando. Não eram ninguém em seu país, o qual, de qualquer forma, não passava mesmo de uma província de segunda classe na extremidade oriental do mapa romano. Se tivessem parado para avaliar as probabilidades de sucesso de sua missão, mesmo tendo a convicção de que Jesus estava vivo e que seu Espírito os acompanhava para equipá-los para sua tarefa, eles teriam desanimado; tão grandes eram as condições adversas. Como conseguiriam? E, ainda assim, eles conseguiram.

É verdade que é quase impossível exagerarmos os obstáculos que tiveram pelo caminho; alguns deles serão considerados no próximo capítulo. Contudo, também é igualmente válido reconhecermos que provavelmente nenhum outro período da história do mundo esteve mais preparado para receber a jovem igreja do que o primeiro século d.C., quando, sob o domínio de um império de extensão literalmente mundial, o alcance para a disseminação e a compreensão da fé era enorme. A interação de elementos gregos, romanos e judaicos nesta *praeparatio evangelica* é algo notório, mas vale a pena relembra-la, para colocarmos este estudo em sua devida perspectiva. No primeiro relato que temos da expansão do cristianismo, os Atos dos Apóstolos, fica visível em cada página a contribuição da Grécia, de Roma e do judaísmo. No segundo século, os cristãos começaram a refletir mais a respeito e se conscientizar do contexto no qual a igreja fora edificada,¹ e passaram a falar que fora a providência divina que

¹Melito de Sardes escreveu: “Nossa filosofia nasceu entre bárbaros, mas chegou à floração entre vocês [romanos], no reinado grandioso de seu antecessor Augusto, e se tornou um sinal de bons

tinha preparado o mundo para o surgimento do cristianismo. Nem todos os seus argumentos têm o mesmo peso,² mas é inegável que o primeiro século propiciou vias de valor incalculável para a difusão do evangelho.

A paz romana

A primeira e principal dessas vias foi a *pax romana*. A difusão do evangelho teria sido inimaginável se Jesus tivesse nascido meio século antes. A nova fé entrou no mundo em uma época de paz sem paralelo na história. Todo o mundo conhecido estava pela primeira vez sob o firme controle de uma única potência: Roma. Na verdade, essa situação já tinha se delineado mais de um século antes, quando Roma se tornara a potência hegemônica da bacia do Mediterrâneo, depois de sair vitoriosa da Terceira Guerra Púnica. Por meio da força e de uma boa administração colonial, Roma alcançou uma unidade política tamanha com a qual Alexandre, o Grande, somente sonhara. Políbio escreveu sua *História*, abrangendo os anos 220-145 a.C., a fim de registrar para a posteridade como “os romanos conseguiram, em menos de 53 anos, subjugar quase todo o mundo ao seu domínio — um feito sem igual na história”. Mas essa situação durou pouco. Roma, senhora do mundo, não era senhora de si mesma. Poucos anos depois da destruição de Cartago, em 146 a.C., um pretense reformador romano, Tibério Graco, foi morto a pauladas durante um levante popular liderado pelo ex-cônsul Públio Cipião Násica. Sua

tempos em seu império, porque desde aquele tempo o poder dos romanos se tornou cheio de grandeza e esplendor”. Ele afirmou adiante que os destinos de Roma e da igreja estavam tão interligados para o bem, que Marco Aurélio não devia perseguir a igreja — era a ele que sua apologia era dirigida (Eusébio, *H. E.* 4.26; 5-11).

Encontramos ainda com mais clareza em Orígenes o argumento de que Deus preparou a situação mundial especialmente para o advento do cristianismo. “Porque ‘a justiça surgiu em seus dias, e abundância de paz’ começou com seu nascimento; Deus estava preparando os povos para sua instrução, de modo que estivessem sob o governo de um imperador, para que a hostilidade entre os povos, por serem muitos reinos, não dificultasse aos apóstolos de Jesus cumprir a ordem: ‘Ide por todo o mundo’. Está bem claro que Jesus nasceu no reino de Augusto, aquele que reduziu à uniformidade, por assim dizer, os muitos reinos na terra, de modo que formassem um só império. Se houvesse muitos reinos, isso teria atrapalhado a difusão do ensino de Jesus por todo o mundo, não só pela razão citada, mas porque em todos os lugares os homens estariam sendo obrigados a prestar serviço militar e lutar para defender seu país. Era assim antes do tempo de Augusto. Por essa razão, como poderia este ensino, que prega a paz e não permite nem mesmo que as pessoas se vinguem de seus inimigos, ter tido sucesso, se a situação internacional não tivesse mudado em todos os lugares, fazendo surgir uma atmosfera menos hostil, que prevaleceu até o nascimento de Jesus?” (Orígenes, *Cels.*, 2.30, tradução para o inglês de H. Chadwick).

²Por exemplo, Melito, em seu argumento mencionado anteriormente, afirma que “a maior prova de que nossa fé floresceu para o bem junto com o império em seu nobre início é o fato de que não foi perseguida no reinado de Augusto; pelo contrário, foi ensinada de maneira esplêndida, gloriosa e justa, indo ao encontro das orações das pessoas” (Eusébio, *H. E.* 4.26-8).